

P.D. JAMES

CAUSAS  
NADA  
NATURAIS

TRADUÇÃO  
Fernanda Abreu



COMPANHIA DAS LETRAS

---

Copyright © 1967 by P. D. James  
Publicado anteriormente no Brasil como  
*Um cadáver mutilado* (Francisco Alves, 1985).

Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de  
1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*Unnatural causes*

Capa  
*Elisa v. Randow*

Foto de capa  
© *Jens Haas/ Corbis (RF)/ LatinStock*

Preparação  
*Jacob Lebensztayn*

Revisão  
*Luciane Helena Gomide*  
*Márcia Moura*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

James, P. D.

Causas nada naturais / P. D. James ; tradução  
Fernanda Abreu. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2011.

Título original: *Unnatural causes*  
ISBN 978-85-359-1915-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa) I.  
Título.

11-05946

CDD-823.0872

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura inglesa 823.0872

---

2011

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## *SUMÁRIO*

*LIVRO UM*

Suffolk, 7

*LIVRO DOIS*

Londres, 157

*LIVRO TRÊS*

Suffolk, 205

## *LIVRO UM*

O cadáver sem mãos estava deitado no fundo de um pequeno barco à vela à deriva, não muito longe do litoral de Suffolk. Era o corpo de um homem de meia-idade, um cadáver pequeno e bem-apessoado, cujo sudário, um terno escuro risca de giz, caía com tanta elegância na morte quanto caíra em vida naquele corpo franzino. Os sapatos feitos à mão reluziam, a não ser por certo desgaste nos bicos, e o nó da gravata de seda estava intacto sob o pomo de adão saltado. O desafortunado viajante estava vestido com cuidadosa ortodoxia para a cidade; não estava vestido para aquele mar solitário; tampouco estava vestido para a morte.

Era início de tarde, em meados de outubro, e os olhos vítreos estavam voltados para cima, em direção a um céu de um azul surpreendente, pelo qual o leve vento sudoeste arrastava alguns retalhos esgarçados de nuvens. O casco de madeira do barco, sem mastro nem suportes para remos, batia de leve sobre as ondas do mar do Norte, fazendo a cabeça se mover e rolar como se dormisse um sono intranquilo. Mesmo em vida, aquele tinha sido um rosto pouco digno de nota, e a morte nada fizera senão lhe imprimir uma expressão vazia e triste. Os cabelos louros brotavam esparsos de uma testa alta e proeminente, e o nariz era tão estreito que a crista branca do osso parecia prestes a perfurar a pele; a boca pequena, de lábios finos, se abria para revelar dois incisivos saltados que davam ao rosto inteiro o aspecto arrogante de uma lebre morta.

As pernas, ainda imobilizadas pela rigidez cadavérica,

estavam encaixadas de um lado e de outro da estrutura que protegia a bolina, e os antebraços tinham sido posicionados descansando sobre o banco. Ambas as mãos haviam sido cortadas na altura dos pulsos. A hemorragia fora branda. Em cada um dos antebraços, um filete de sangue traçara uma teia escura entre os pelos louros enrijecidos, e o banco estava manchado, como se houvesse feito as vezes de uma tábua de cortar. Mas era só isso; o resto do cadáver e as tábuas do barco não exibiam nenhum sangue.

A mão direita tinha sido removida com um corte limpo, e a extremidade curva do rádio reluzia, branca; mas a esquerda fora cortada com muito menos perícia, e as lascas serrilhadas de osso, afiadas como agulhas, despontavam da carne aberta. Ambas as mangas do paletó e os punhos da camisa tinham sido arregaçados para a carnificina, e duas abotoaduras de ouro gravadas com iniciais, agora soltas, cintilavam conforme iam girando devagar e refletindo o sol de outono.

O barco, cuja pintura gasta já estava descascando, flutuava como um brinquedo esquecido em um mar quase vazio. No horizonte, a silhueta dividida de uma embarcação de cabotagem descia Yarmouth Lanes; nada mais se via. Por volta das duas da tarde, um pontinho preto desceu cruzando o céu em direção à costa arrastando atrás de si sua cauda de fumaça, e o ar foi cortado pelo alarido de motores. Então o rugido se distanciou, e outra vez não se pôde ouvir nenhum barulho fora o da água batendo no casco do barco e o grito ocasional de uma gaivota.

De repente, o barquinho balançou com violência antes de se aprumar e ir virando devagar. Como se fosse capaz de sentir o forte puxão da correnteza em direção à costa, começou a se mover de maneira mais decidida. Uma gaivota de cabeça negra, que havia pousado de leve na proa e se encarapitado ali, rígida como uma carranca, ganhou o ar com gritos estridentes e começou a voar em círculos acima do cadáver. De forma lenta e inexorável, com a água a chapinhar junto à proa, o barquinho foi levando seu macabro carregamento em direção à margem.

## 2

Logo antes das duas da tarde nesse mesmo dia, Adam Dalglish, superintendente da Scotland Yard, subiu devagar com seu Cooper Bristol no passeio gramado em frente à igreja de Blythburgh e, no minuto seguinte, passou pela porta da capela norte e adentrou a brancura fria e prateada de um dos interiores de igreja mais belos de Suffolk. Estava a caminho de Monksmere Head, logo ao sul de Dunwich, para passar dez dias de férias de outono com uma tia solteira, sua única parente viva, e aquela era sua última parada no trajeto. Ele havia deixado seu apartamento na City antes de Londres acordar e, em vez de pegar o caminho direto até Monksmere passando por Ipswich, havia bifurcado ao norte em Chelmsford para entrar em Suffolk por Sudbury. Tomara café da manhã em Long Melford, depois pegara a direção oeste, rumo a Lavenham, para percorrer, em ritmo lento e descontraído, a paisagem verde e dourada do mais selvagem e pouco urbanizado dos condados ingleses. Seu humor teria estado totalmente condizente com o dia, não fosse uma preocupação que não o deixava em paz. Antes daquelas férias, ele vinha adiando propositalmente uma decisão pessoal. Antes de voltar para Londres, teria que decidir finalmente se pediria ou não Deborah Riscoe em casamento.

Por mais irracional que isso parecesse, a decisão teria sido mais fácil se ele não soubesse com tanta certeza qual seria a resposta dela. Isso fazia recair sobre ele toda a responsabilidade quanto à decisão de trocar o *status quo*

atual e satisfatório (bom, em todo caso satisfatório para ele, e certamente era possível afirmar que Deborah estava mais feliz agora do que um ano antes... ou será que não?) por um compromisso que, segundo ele desconfiava, ambos iriam considerar irrevogável qualquer que fosse o desfecho. Poucos casais são mais infelizes do que aqueles orgulhosos demais para reconhecer a própria infelicidade. Ele conhecia alguns dos riscos. Sabia que ela não gostava do trabalho que ele fazia, que este a deixava infeliz. Isso não era de espantar e, na realidade, considerado de forma isolada, tampouco era importante. Aquele trabalho era uma escolha sua, e ele jamais precisara da aprovação ou do incentivo de quem quer que fosse. Mas era complicado pensar que cada plantão e cada emergência teriam de ser precedidos por um telefonema de desculpas. Enquanto ele passeava para lá e para cá sob o magnífico telhado de caibro e vigas em arco, e sorvia o aroma anglicano da cera usada para lustrar a madeira, das flores e dos velhos hinários úmidos, ocorreu-lhe que conseguira aquilo que desejava quase no mesmo instante em que havia desconfiado não desejar mais. Essa é uma experiência demasiado corriqueira para provocar a decepção duradoura de um homem inteligente, mas ainda assim tem o poder de desconcertar. O que o desanimava não era a perda da liberdade; os homens que mais protestavam em relação a isso em geral eram os menos livres. A perda de privacidade era muito mais difícil de encarar. Mesmo a perda da privacidade física era difícil de aceitar. Enquanto corria os dedos pelo atril de madeira esculpida do século xv, ele tentou imaginar a vida no apartamento de Queenhithe com Deborah sempre presente, não mais uma visita aguardada com ansiedade, mas parte de sua vida, e jurídica e oficialmente sua parente mais próxima.

Era uma época difícil na Scotland Yard para lidar com problemas pessoais. Recentemente, fora feita na corporação uma reorganização importante cujo resultado havia sido a inevitável perturbação de alianças e rotinas, e o esperado



quinhão de boatos e insatisfações. E a pressão profissional não havia arrefecido. A maioria dos agentes mais graduados já tinha jornadas de trabalho de catorze horas. O seu último caso, embora resolvido com sucesso, fora particularmente tedioso. Uma criança havia sido assassinada, e a investigação se transformara em uma caçada humana do tipo que ele menos apreciava e para o qual tinha o temperamento menos adequado — uma incansável e persistente verificação de fatos realizada sob os holofotes da opinião pública e prejudicada pelo medo e pela histeria da vizinhança. Os pais da criança tinham se agarrado a ele como dois banhistas que se afogam, em busca de reconforto e esperança, e ele ainda podia sentir o fardo quase físico de sua tristeza e culpa. Fora preciso ao mesmo tempo reconfortá-los e lhes servir de confessor, vingá-los e lhes servir de juiz. Não havia nada de novo nisso para ele. Dalglish não tivera nenhum envolvimento pessoal com o luto do casal, e essa distância, como sempre, havia sido a sua força, assim como a raiva e o comprometimento intenso e indignado de alguns dos seus colegas teriam sido a deles. Mas a pressão do caso ainda não o abandonara por completo, e seria preciso mais do que os ventos de um outono em Suffolk para apagar determinadas imagens de sua mente. Nenhuma mulher sensata poderia esperar um pedido de casamento no meio daquela investigação, e Deborah não havia feito isso. O fato de ele ter encontrado tempo e energia para concluir seu segundo livro de poemas poucos dias depois da prisão do culpado era algo que ambos evitaram mencionar. Ele ficara arrasado ao constatar que mesmo o exercício de um talento menor podia ser usado como desculpa para o egoísmo e a inércia. Recentemente, não andava gostando muito de si mesmo, e talvez fosse excesso de otimismo achar que aquelas férias pudessem mudar isso.

Meia hora mais tarde, Dalglish fechou a porta da igreja suavemente atrás de si e iniciou os últimos quilômetros da viagem até Monksmere. Escrevera à tia dizendo que

provavelmente chegaria às duas e meia e, com sorte, conseguiria cumprir o horário quase à risca. Se, como de hábito, sua tia saísse do chalé às duas e meia, poderia ver o Cooper Bristol surgir no alto da encosta que ia dar na praia. Pensou com carinho na silhueta alta e angulosa da tia à sua espera. Pouca coisa era inabitual em sua história, cuja maior parte dos fatos ele havia adivinhado, concluído quando ainda garoto a partir dos arremedos de conversa descuidados da mãe, ou simplesmente os conhecia como fatos concretos de sua infância. O noivo da tia morrera em 1918, apenas seis meses antes do Armistício, quando ela era moça. A mãe dela, mulher mimada, de beleza frágil e, como a própria tia costumava admitir, o pior tipo de esposa possível para um cura erudito da zona rural, aparentemente pensava que tal sinceridade justificasse e desculpas por antecipação qualquer arroubo de egoísmo ou excentricidade da sua parte. Não gostava de presenciar a dor alheia, pois esta tornava os outros temporariamente mais interessantes do que ela própria, e decidiu ficar abaladíssima com a morte do jovem capitão Maskell. Fosse qual fosse o sofrimento vivido por sua filha, moça sensível, pouco comunicativa e de temperamento um tanto difícil, era preciso deixar bem claro que ela estava sofrendo mais ainda; três semanas depois de recebido o telegrama, a mãe de sua tia falecera de gripe. Pairam dúvidas se tal atitude extrema era de fato a sua intenção, mas ela teria ficado satisfeita com o resultado. Da noite para o dia, o marido transtornado esqueceu todas as irritações e ansiedades do casamento e passou a se lembrar apenas da alegria e beleza da esposa. Naturalmente, era impensável que ele tornasse a se casar, e de fato isso nunca ocorreu. Jane Dalglish, cuja própria dor quase ninguém mais tinha tempo de recordar, assumiu o lugar da mãe como anfitriã da residência paroquial e permaneceu ao lado do pai até sua aposentadoria, em 1945, e sua morte dez anos depois. Era uma mulher de grande inteligência, e, caso considerasse insatisfatória a rotina anual de cuidados com a casa e ativi-

dades da paróquia, tão previsíveis e incontornáveis quanto o ano litúrgico, nunca chegou a mencioná-lo. Seu pai tinha tanta certeza da suma importância da própria vocação que jamais lhe ocorreu que os talentos de outra pessoa pudessem ser desperdiçados a seu serviço. Jane Dalgliesh, que mereceu o respeito mas nunca o amor dos membros da paróquia, fez o que precisava ser feito, e se consolou com o estudo dos pássaros. Após a morte do pai, os documentos que ela publicou, registros de uma observação meticulosa, proporcionaram-lhe alguma notoriedade; com o tempo, o que a paróquia outrora chamava com desdém de “o pequeno hobby da srta. Dalgliesh” a transformou em uma respeitadíssima ornitóloga amadora. Pouco mais de cinco anos antes, ela vendera a casa de Lincolnshire para comprar Pentlands, um chalé de pedra nos limites de Monksmere Head. Era ali que Dalgliesh ia visitá-la duas vezes por ano.

Não eram apenas visitas de obrigação, embora ele pudesse ter sentido certa responsabilidade pela tia caso esta não fosse tão obviamente autossuficiente a ponto de, às vezes, o simples fato de sentir afeto parecer uma espécie de ofensa. Mas o afeto existia, e ambos sabiam disso. Dalgliesh já saboreava de antemão a satisfação de encontrá-la e os prazeres garantidos daquelas férias em Monksmere.

Um fogo aceso na ampla lareira estaria espalhando seu aroma por todo o chalé, e diante da lareira estaria a poltrona de espaldar alto que outrora ficava no escritório do pai de Dalgliesh, na casa paroquial em que este havia nascido, cujo couro tinha o cheiro da sua infância. Haveria um quarto de dormir mobiliado com simplicidade, com vista para o mar e para o céu, uma cama confortável, embora estreita, com lençóis levemente recendendo à fumaça de lareira e alfazema, bastante água quente e uma banheira comprida o bastante para um homem de um metro e oitenta e oito de altura se esticar confortavelmente. Sua tia, ela própria com um metro e oitenta e três, nutria um apreço masculino pelos luxos essenciais da vida. De um ponto de vista mais imediato, haveria chá em frente à lareira e torra-

das quentes com manteiga acompanhadas de patê caseiro. E o melhor de tudo: não haveria nenhum cadáver, nem conversas a respeito. Ele desconfiava que Jane Dalglish estranhasse o fato de um homem inteligente decidir ganhar a vida capturando assassinos, e ela não era o tipo de pessoa que fingia um interesse educado quando na verdade não o tinha. Não exigia nada dele, nem mesmo carinho, e por esse motivo era a única mulher do mundo com a qual ele se sentia totalmente em paz. Dalglish sabia exatamente o que aquelas férias poderiam lhe proporcionar. Os dois dariam caminhadas, muitas vezes em silêncio, pela faixa úmida de areia firme entre a espuma do mar e a encosta de seixos da praia. Ele carregaria a parafernália de desenho da tia, enquanto ela andaria um pouco na frente, com as mãos enterradas nos bolsos do casaco e os olhos a buscar os lugares onde os chascos haviam pousado na praia, mal se distinguindo dos seixos, ou então a acompanhar o voo de uma andorinha-do-mar ou maçarico. Seriam momentos de paz e descanso, sem qualquer exigência; ao cabo de dez dias, porém, ele voltaria para Londres com uma sensação de alívio.

Ele estava agora atravessando a floresta de Dunwich, onde as plantações de abetos escuros do Departamento Florestal margeavam a estrada. Já tinha a impressão de sentir o cheiro do mar, e o gosto salgado que o vento lhe trazia era mais forte do que o aroma acre das árvores. Dalglish se animou. Sentiu-se como uma criança que volta para casa. Então a floresta terminou, e o sombrio verde-escuro dos abetos foi interrompido por uma cerca de arame a separá-lo dos campos e sebes coloridos. Logo, as cores também passaram, e ele atravessou os tojos e urzes das charnecas a caminho de Dunwich. Quando chegou ao vilarejo e virou à direita para subir a colina que margeava o perímetro murado do monastério franciscano em ruínas, ouviu o barulho da buzina de um carro e viu um Jaguar passar zunindo em alta velocidade. Teve um vislumbre de cabelos escuros e da mão de alguém erguida em um cum-

primento antes de o carro sumir de vista com uma buzina-da de adeus. Pelo visto, o crítico de teatro Oliver Latham estava passando o fim de semana em seu chalé. Era pouco provável que isso fosse atrapalhar Dalgliesh, pois Latham não ia a Suffolk em busca de companhia. Como seu vizinho mais próximo, Justin Bryce, ele usava o chalé para descansar da vida londrina, e talvez dos próprios londrinos, embora frequentasse Monksmere menos do que Bryce. Dalgliesh já havia cruzado seu caminho uma ou duas vezes, e identificara nele uma inquietação e uma tensão que reproduziam um aspecto de seu próprio temperamento. Latham era um notório apreciador de carros velozes e gostava de dirigir em alta velocidade, e Dalgliesh desconfiava que usasse os trajetos entre Londres e Monksmere para se desopilar. Era difícil imaginar que outro motivo o faria manter o chalé. Suas visitas eram raras, ele quase nunca trazia suas mulheres, não demonstrava o menor interesse por mobiliar a casa, e a usava sobretudo como base para passeios de carro enlouquecidos pela região, tão violentos e irracionais que pareciam uma espécie de catarse.

Quando Rosemary Cottage surgiu na curva da estrada, Dalgliesh acelerou o carro. Tinha poucas esperanças de conseguir passar despercebido, mas pelo menos podia dirigir a uma velocidade que tornasse pouco razoável parar. Ao passar chispando, pôde ver de relance um rosto em uma das janelas do primeiro andar. Bem, aquilo era de esperar. Celia Calthrop se considerava a decana da pequena comunidade de Monksmere e havia atribuído a si mesma determinados deveres e privilégios. Caso os vizinhos comessem a insensatez de não mantê-la a par das idas e vindas deles próprios e de seus hóspedes, ela estava disposta a fazer algum esforço para descobrir por conta própria. Tinha um ouvido apurado para qualquer carro que se aproximasse, e a localização de seu chalé, bem no ponto em que a estrada de terra batida que cruzava a encosta da praia encontrava a estrada asfaltada vinda de Dunwich, proporcionava-lhe ampla oportunidade para vigiar tudo o que acontecia.